

EXISTÊNCIA *versus* ESTILO NA POESIA PRIMEIRA  
DE CELSO PEDRO LUFT

*Itálico Marcon*

Promotor Público em Porto Alegre

"Arcos de Solidão" (1), de Celso Pedro Luft (2), assinala, em todo seu contexto, particularmente trágico, um ostensivo choque, que lhe empresta uma indisfarçável dramaticidade.

Em verdade, duas dimensões, uma existencial, radicada em sua própria humanidade, e outra estilística, amplamente desenvolvida, nele se conjugam, sempre antagônicas, outorgando-lhe angustiante vitalidade.

De um lado, a contenção poemática; de outro, desdobrando-se insatisfeito, o canto de amor do poeta. Naquele, a *secura* (não aridez), a higienização vocabular e o desnudamento expressional; neste, a substância ígnea, a seiva farta e o ímpeto desenfreado:

*"Contra o meu rochedo oculto  
teu chamado se responde,  
e o fogo que dentro levra  
é o nosso amor que se encontra."  
(De "Contra o meu rochedo", pág. 33);*

*"Dentro da noite um fogo,  
gulando, me consome:  
astro que dentro me ardes  
— tu és minha verdade."  
(De "Sei um caminho oculto", pág. 37), e*

*"E tenho o ouvido tão atordoado,  
a boca e os lábios tão sensuais."  
(De "E tenho os pés tão indecisos", pág. 47).*

Positiva esse dualismo um constante conflito, insopitável e atuante, que fundamenta e, ao mesmo tempo, vivifica a poesia de Celso Pedro Luft. Todo ele nasce do policial, sem tréguas, do poeta sobre a sua mensagem vulcânica:

*"Sobre a montanha ergui  
a minha solidão  
em torre de vigia.*

*Olho em redor: de tudo  
nada cobiço, nada  
deseja o coração.*

*Inimigo nenhum  
se pode aproximar  
enquanto no meu centro  
pulsando, és comovido  
meu próprio coração  
na torre, de vigia.”*

(“Sobre a Montanha”, pág. 83),

que o faz exclamar, repetidas vezes, perdido em seu “mundo interior”, confuso e asfixiante:

*“Ah! me deixa reclinar  
esta cabeça ferida  
sobre teu peito fiel,  
para que tudo renasça  
de novo em ordem e paz.”*

(“Ah! Me deixa reclinar”, pág. 73),

dentro de uma temática e de uma simbologia, paradoxalmente, “ao divino” (3), enraizadas, fortemente, no que de mais vivo possui o universo poético de San Juan de la Cruz (4) e Fray Luis de León (5).

Encontramos, destarte, em “Arcos de Solidão”, uma zona lúcida, coordenada, atinente à sua estrutura formativa, e outra explosiva, subjugando o seu substrato ideológico-informador.

Dá a coexistência de uma bipolaridade, que fragmenta a personalidade do poeta, acentuando, simultaneamente, o pólo cartesiano-racionalista e o pólo romântico-místico-carnal. O primeiro, na criação dos poemas; o segundo, nos ingredientes aglutinados. Pólos esses, no entanto, que entram na medida exata, permitindo a “Arcos de Solidão” um invejável equilíbrio.

Em verdade, se predominasse o primeiro teríamos um simples jogo de palavras, herméticas, em sua maioria, e de frágil comunicação, incidindo o poeta no mesmo “mal” que Francesco Flora (6) apontou em Paul Valéry (7), isto é, na “poesia difícil” (8). Por outro lado, se pontificasse o último, tudo não passaria de um lamuriendo verbalismo, tão insistente, hoje em dia, em muitos dos nossos epígonos retardatários do Romantismo. Com efeito, ambos se anulariam pelo extremismo: aqui, excesso; lá, carência.

“Otras veces lo hemos dicho – afirma Dámaso Alonso (9) –: Si la poesía no es religiosa no es poesía. Toda poesía (directísima o indirectísimamente) busca a Dios”. (10) “Toda poesía – continua o admirável crítico espanhol – es religiosa. Buscará unas veces a Dios en la Belleza. Llegará a lo mínimo, a las delicias más sutiles, hasta el juego, acaso. Se volverá otras veces, con íntimo desgarrón, hacia el centro humeante del misterio, llegará quizá a la blasfemia. No importa. Si trata de reflejar el mundo, imita la creadora actividad. Cuando lo canta con humilde asombro, bendice la mano del Padre. Si se revuelve, iracunda, reconoce la opresión de la poderosa presencia. Si se vierte hacia las grandes incógnitas que fustigan el corazón del hombre, a la gran puerta llama. Así va la poesía de todos los tiempos a la busca de Dios”. (11)

Celso Pedro Luft valoriza, ao máximo, a assertiva de Dámaso Alonso. “Arcos de Solidão”, sem quaisquer disfarces, é um intêrmino dialogar com Deus. E, indirectamente, do poeta consigo mesmo. Todavía, com um Deus misto de carne e de puro espírito. Donde o seu canto sensual, intensamente “sangüíneo”, múltiplo e contraditório:

*“Não quero o céu agora:  
meu céu és tu que em mim respiras,  
alma desta alma enlouquecida  
de amor e de esperança.”*  
(De “Não quero o céu agora”, pág. 96);

*“Não quero mais a estrela,  
não quero mais a flor:  
quero teu mar de fogo,  
tua rosa de sangue.”*  
(De “Não quero mais a estrela”, pág. 93),

desembocando em uma espécie de neoplatonismo narcisista, complexo e radicalmente sincero, da mesma linhagem da lírica amatória de Camões (12):

*“Anseio tanto possuir-te  
e tu com tanto amor te escondes.*

*Às vezes penso ter-te achado  
– e o amor é um barco imóvel  
na tempestade dominada!*

*Logo, porém, melhor te furtas  
para que eu saiba e chore o engano  
de apenas ter amado o meu amor.*

*Que o teu amor se esconda sempre,  
e eu nunca deixe de procurar.”*  
(“Anseio tanto possuir-te”, pág. 28).

Deus, então, assume contornos físicos, corpóreos, sob uma aparente passividade, humanizando-se e revestindo-se de relevos femininos, confundindo-se, por fim, com o próprio "Amor":

*"Ó tempo sem medida! Ó gozo puro!  
Ó meu amor suspenso sobre o muro  
de onde, vencido, entreabres o teu véu!"*  
(De "Eu sinto agora", pág. 94).

Mas, por sua vez, "Arcos de Solidão" é, também, e principalmente, uma indormida confissão do poeta. O poema "A Árvore da Noite", à página 53, traduz, em suas quatro estrofes, de extrema poeticidade, a passagem bíblica (13) da Árvore do Bem e do Mal, focalizando o drama cotidiano da "queda". Todos os seus símbolos dizem respeito ao Homem, tentado, amiúde, pela "serpente" (o demônio) e colhendo, quantas vezes!, apesar de sua prevalente espiritualidade, o "fruto", isto é, o próprio pecado:

*"A árvore da noite  
movia o seu perfume  
alucinado  
e em volta  
tudo enlanguescia.*

*(Ah!  
que me deixei estar  
ao relento...  
Ah!  
que me deixei ficar onde  
a serpente se aninhava...)*

*A árvore da noite,  
baixando o seu perfume,  
estendeu um ramo  
até à mão perplexa  
— o relento endoidecia,  
o relento decidiu-me,  
e eu colhi o fruto.*

*(Sinto-me partido por dentro,  
o coração em pedaços.  
Senhor! põe aqui tua mão.)"*

. o .

"Arcos de Solidão" entremostra indeléveis raízes lusitanas. Tanto na estrutura, como na sua temática. Exemplifiquemos. Quanto à estrutura: "Ó ilha que me sou ao desamparo!/Inferno que me tem a um céu tão claro!" (De "Eu sou a minha angústia", pág. 49) e "chora-me um sol, de saudade..." (De "Estou só", pág. 70). Quanto à sua temática: "Onde existo ainda não sou:/estou sempre me criando." (De "Invocação", pág. 14),

"Onde eu estou não estou:/sou alguém que se procura." (De *"Identidade"*, pág. 15) e "Ah, como sou sem nunca estar!/ Ah, como estou desembarcado!" (De *"Deixei meu barco a sul"*, pág. 46) — afinidade com Fernando Pessoa (14); e "e dentro já o azul desmaia em roxo" (De *"E eis como um vento"*, pág. 34) e "e o delírio dos saaras" (De *"Agora sou esta pedra"*, pág. 55) — afinidade com Mário de Sá-Carneiro (15).

Entremostra, outrossim, um raro virtuosismo estilístico, profundamente natural e sintético, que permite ao poeta tirar, da redondilha maior, os mais comunicativos acordes:

*"Ai pedras do meu deserto  
vinde, aclamai meu amado!  
Valei meu bem que escolheu  
erguer aqui sua casa.*

*Ai flores do meu retiro  
vinde, enfeitaí meu amado!  
ornai meu bem que me deu  
num beijo a felicidade.*

*Ai aves do meu exílio  
vinde, cantai meu amado!  
celebrai o rei que veio  
morar em mim sua pátria."*  
("Ai pedras do meu deserto", pág. 95).

Entremostra, afinal, um Poeta, no sentido maiúsculo e verdadeiro da palavra: completo, maduro e autêntico.

Porto Alegre, 1960 (16).

#### I — NOTAS:

1. Editora Globo, Porto Alegre, 1958.
2. "Arcos de Solidão" foi publicado sob o pseudônimo de Celso Pedro Lima.
3. Expressão cunhada por Dámaso Alonso em "El misterio técnico en la poesía de San Juan de la Cruz", ensaio constante de seu excelente livro "Poesía Española — Ensayo de métodos y límites estilísticos", Editorial Gredos, Madrid, 2ª ed., 1952, pág. 219. Existe uma exemplar edição brasileira, traduzida por Darcy Damasceno, Instituto Nacional do Livro, M.E.C., Rio de Janeiro, 1960.
4. Poeta espanhol (1542-1591). Místico. Frade carmelita. Autor dos poemas "Noche oscura" e "Cântico espiritual".
5. Poeta espanhol (1527-1591). Místico. Frade agostiniano. Autor das odes "Vida retirada" e "A Francisco Salinas". Tradutor de "O Cântico dos Cânticos".
6. Ilustre crítico e historiador literário italiano (1891-1962). Teórico de poética e de estética. Autor da festejada "Storia della letteratura italiana", 5 vols. 13ª ed., Mondadori, Milão, 1962.

7. Poeta e ensaísta francês (1871-1945). Autor do conhecido poema "Le Cimetière Marin". Traduzido, para o português, por Darcy Damasceno e Roberto Alvim Corrêa, em "Obras-Primas da Poesia Universal", introdução, seleção e notas bibliográficas de Sérgio Milliet (1898-1968), 2ª ed., Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1955.
8. Expressão cunhada por Francesco Flora, em "La Poesia Ermetica", Laterza, Bari, 1936, em o ensaio "Paul Valéry o La Poesia Difficile", à pág. 58.
9. Acatado e percuciente ensaísta espanhol (Madrid, 1898). Autor de estudos magistrais sobre diversos poetas da Espanha: Góngora, Garcilaso, Fray Luis de León, San Juan de la Cruz, Lope de Vega, Quevedo, etc.
10. Do ensaio "La poesía arraigada de Leopoldo Panero", constante de "Poetas Españoles Contemporaneos", Editorial Gredos, Madrid, 1952, à pág. 333.
11. Do ensaio "En Busca de Dios", idem, ibidem, à pág. 397.
12. Ver "Obras Completas", volume I, "Redondilhas e Sonetos", com prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 2ª ed., 1954. Ver, também, "Lírica", de Luís de Camões, seleção, prefácio e notas de Massaud Moisés, Editora Cultrix, São Paulo, 1963.
13. Do livro do "Gênesis".
14. Poeta português (1888-1935). O mais influente deste século, grandemente seguido e imitado no Brasil. Ver "Obra Completa", organizada por Maria Aliete Dores Galhoz, Editora José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, 1960.
15. Poeta português (1890-1918). Também ele possui muitos discípulos no Brasil. Ver "Poesias", com um estudo crítico de João Gaspar Simões, Edições Ática, Lisboa, 1963.
16. Ensaio publicado, originariamente, na página literária "Nossa Geração", do "Suplemento Dominical" do *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, edição de 14 de agosto de 1960. No mesmo ano foi reescrito e aumentado. As "Notas" e o "Apêndice Biobibliográfico" são posteriores.

## II – APÊNDICE BIOBIBLIOGRÁFICO

Celso Pedro Luft, que usa o pseudônimo de Celso Pedro Lima, nasceu em Montenegro, no dia 28 de maio de 1921. Ex-Irmão Marista (Irmão Arnulfo). Poeta, gramático e ensaísta. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Casado com a poetisa Lya Fett Luft. "Arcos de Solidão", seu primeiro livro de poesia, foi publicado quando era ainda Irmão Marista. Publicou, depois, "66 Poemas", Livraria do Globo, s/d, mas 1961, Porto Alegre, prêmio de Poesia 1959, concurso literário da Divisão de Cultura do Instituto Estadual do Livro, S.E.C., Porto Alegre. Publicou, também, diversos livros no campo da linguagem e do ensaísmo literário.

## MORA JUDICIAL

*Carlos Nejar*

Promotor Público em Porto Alegre

*Demorou o processo  
no armário do século.  
Nenhum juiz sentenciava  
esta causa  
de perdas civis.*

*Aos poucos,  
o fogo do feito  
extinguiu-se:  
os interesses  
mudaram os fechos,  
as trancas da porta.  
Mudaram  
de casa e de horta.*

*Uma ninhada de codornizes  
se alojou no processo,  
entre boninas e raízes.*

*Na justiça  
só a flor do tempo  
vinga.  
Não há migrações de pássaros,  
apesar de serem terras arrendadas  
ao céu, ao sol, à chuva.*

*E o homem  
obtém do litígio  
a derrubada de árvores.  
Nunca  
a derrubada do mal  
— sua guerra púnica.*